

Maria Teresa Horta

ANTOLOGIA DE POESIA ERÓTICA

As Palavras do Corpo



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

Ficha Técnica

Título: As Palavras do Corpo (Antologia de Poesia Erótica)

Autor: Maria Teresa Horta

Edição: Cecília Andrade

Revisão: Sandra Mendes

Capa: Rui Garrido

ISBN: 9789722049047

Publicações Dom Quixote

uma editora do grupo Leya

Rua Cidade de Córdoba, n.º 2

2610-038 Alfragide – Portugal

Tel. (+351) 21 427 22 00

Fax. (+351) 21 427 22 01

© 2012, Maria Teresa Horta e Publicações Dom Quixote

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

www.dquixote.leya.com

www.leya.pt

Ao Luís
porque és a minha paixão
e estás em todos os meus poemas

«A essência indiferenciada da mulher, a sua pesquisa ardente, e capaz de ignorar todas as barreiras, de um desenvolvimento desarmonioso e de um jogo de todas as pulsões unidas, confere ao erotismo feminino o que ele tem de mais profundamente belo.»

Lou Andreas-Salomé

DELÍRIO

O desejo revolvido
A chama arrebatada
O prazer entreaberto
 O delírio da palavra

Dou voz liberta aos sentidos
Tiro vendas, ponho o grito
Escrevo o corpo, mostro o gosto
 Dou a ver o infinito

DÁDIVA

Oferece-me nos lábios
os teus olhos

A planta
é o sentir do teu corpo
de asceta

Recordarei amanhã
e depois recordarei
como se fosses

Como se fosses
és
a intimidade antiga
que predisse inclinada
pelas tuas mãos

tu
a ruiva sensação
de seres-me idêntico

oferece-me
o outono liquefeito
do teu corpo

e esta liberdade – noite
de te saber autêntico

HINO

É para ti
que crio os hinos
e os oceanos
a persistência opaca
da noite
o vício das árvores

Os cabelos pretos
que desprendo
são para ti que invento
o extinto
roxo
dos teus lábios

É para ti que crio
o orvalho branco
dos meus espasmos
onde tu és deus
e eu apenas nua
a dar-te o líquido instinto
das gargantas

Como os meus seios arqueados
lua

INVOCACÃO AO AMOR

Pedir-te a sensação
a água
o travo

aquele odor antigo
de uma parede
branca

Pedir-te da vertigem
a certeza
que tens nos olhos
quando me desejas

Pedir-te sobre a mão
a boca inchada
um rasto de saliva
na garganta

Pedir-te que me dispas
e me deites
de borco e os meus seios
na tua cara

Pedir-te que me olhes
e me aceites
me percorras
me invadas
me pressintas

Pedir-te que me peças
que te queira
no separar das horas
sobre a língua

ENCONTRO

Com virilidade – com ócio
e com ausência

de oceano
com ébano
e por fraqueza

com suporte orgânico
refiro-me aos teus
dedos

longos locais claros
para inventar
nas ancas

VORAGEM

Não sei desta voragem
no teu corpo

esta espécie de odor
ou de viagem

não sei deste sabor
ou desta cinza

desta aguda lentidão
camuflada

HÁLITO

E vertical o hálito
é saudade

o frio que amanhece
sobre os vidros

Debaixo dos lençóis
vou-me vestindo
com as tuas mãos
num vagar antigo

SALIVA

Situando-te no meio
desta frase
que se equilibra morna
de saliva

distingo a cor do verão
entre este inverno

que é o teu sabor
Na minha língua

O ESPAÇO

O espaço que vai
das mãos
ao cimo dos meus joelhos

Das tuas mãos
aos meus lábios

Dos teus lábios
aos meus seios

AMOR SEM RAZÃO

Meu amor quem disse
ao pé de ti o medo

Ou pôs a ausência
daquilo que faço
se longe de ti impeço o começo
ou junto de ti me ergo e renasço

Já nada é razão
quando esta é segredo
ou quando a razão é corpo
e desfaz-se

Razão do teu sono
por entre os meus dedos

Razão do teu hálito
por entre os meus braços

LÃ

A única diferença
que une a tarde à manhã
é das tuas mãos espessas
a memória
o rasto

a lâ

não a lâ da camisola
que usas rasando o peito
mas aquela das palavras
que deixas cair a meio

INTERVALO

No silêncio que guardo
quando partes
que escondes sob
os dedos
que se prende
que me deixa no corpo
este calor
da falta do teu corpo como sempre

OS TEUS OLHOS

Direi verde
do verde dos teus olhos
de um rugoso mais verde
e mais sedento

Daquele não só íntimo
ou só verde

daquele mais macio
mais ave
ou vento

Direi vácuo
volume
direi vidro

Direi dos olhos verdes
os teus olhos
e do verde dos teus olhos vício

Voragem mais veloz
mais verde
ou vinco

voragem mais crespada
ou precipício

AS TUAS MÃOS

As tuas mãos
compridas e serenas
de pele esticada sobre os dedos

as tuas mãos macias
como vales
que prendem me prendem e desprendem

as tuas mãos
sedentas
mais profundas de secretas razões

e que se afundam
nas partes fundas
do meu corpo

que me fazem gemer
e que me iludem
me rasgam
curam e descuram
me vestem de amor e de ventura

MEMÓRIA

Retenho com os meus
dentes
a tua boca entreaberta

e as palmas das mãos
dormentes
resvalam brandas e certas

As tuas mãos no meu peito
e ao longo
das minhas pernas

NOITE

De noite só quero vestido
e tecido dos teus dedos
e sobre os ombros a franja
do final dos cabelos

Sobre os seios quero a marca
do sinal dos teus dentes
e a vergasta dos teus lábios
a doer-me sobre o ventre

Nas pernas e no pescoço
quero a pressão mais ardente
e da saliva o chicote
da tua língua dormente

DESEJO

E se abres os olhos
de manhã
sobre o cansaço morno
dos meus olhos

desfazes o sono
sobre a lâ
da sede do meu corpo
que tu colhes

Dos nossos flancos misturados
já não se evita então
e tu bem sabes

a calma a lassidão e a ternura
que depois de tudo isso
nos invade

A CAMA

Um pequeno prédio
morno
a nossa cama

na curva mais longa dos lençóis
mais largas e mais brancas
são as pregas
mais fundas e mais hábeis
mais cruéis

No áspero – macio dos cobertores
é esponja sorvedoura dos nossos
dois suores
é espectadora activa
motivada

é vício – é caverna
e é pecado

é todo um lutar desenfreado
um sulco de sede
ou uma chama

DESEJO

Descontrolo devagar
sobre o teu corpo
os lábios de súbito desmanchados

e as mãos não cedem
nos teus ombros
à sede de ter-te nos meus braços

Mas se desfeito
descubro nos lençóis
um suor curvado amachucado

Vou-te mordendo – voraz
numa doença
bebendo em delírio o que me fazes

FELICIDADE

Retomo estes anos
nos teus braços
diariamente calma e segura

os dias caminhando passo a passo
prendem-me aos teus braços
com ternura

E o prazer mais louco
de te ter
aquele mais sedento de ser tua

Dos beijos que me deixas
num doer
e devagar no corpo se insinuam

PENUMBRA

Solto o meu riso
no meio do teu silêncio
e em silêncio abraço-te os joelhos

E não defendes
não podes
nem pretendes

Defender das mãos os meus joelhos
que se prendem ainda inutilmente
à rede ritual dos preconceitos

Mas soltos sobem já
e avançam desviados
descobrimo da penumbra mais aberta

Aquilo que no corpo
é mais fechado
num odor de fruto que se enceta

POEMA SOBRE O ENREDO

Enredada estou de mim
nesta febre em que me vejo
já que enredada de ti
não se cura o meu desejo

que nem me pus de curar
este fogo do teu corpo
nem me pus de enganar
esta sede que provoco

pois logo desenredada
eu sei que me enredaria
neste vício de enredar
o meu espasmo em teu orgasmo

por sua vez enredado
na branda rede dos dias

SEGREDO

Não contes do meu
vestido
que tiro pela cabeça

Nem que corro os
cortinados
para uma sombra mais espessa

Deixa que feche o anel
em redor do teu pescoço

Com as minhas longas
pernas
e a sombra do meu poço

Não contes do meu
novelo
nem da roca de fiar

Nem o que faço
com eles
a fim de te ouvir gritar

CANTO O TEU CORPO

Canto o teu corpo
passados estes anos:

o prazer que me
acendes
o espasmo que semeias

A seara das pernas
o peito
os teus dentes

a língua que afago
e as ancas estreitas

Canto a tua
febre
fechada no meu ventre

Canto o teu
grito
e canto as tuas veias

Canto o teu gemido
teu hálito
teus dedos

Canto o teu corpo
amor que me encandeia

EXERCÍCIO

Exercício do teu corpo
oculto
na sua roupa

adivinho-te a dureza
o movimento sedento
a macieza da boca

adivinho o teu carinho
na sede dos meus
joelhos

Adivinho o teu
desejo
sobre a pele dos meus seios

O MEU DESEJO

Afaga devagar as minhas
pernas

Entreabre devagar os meus
joelhos

Morde devagar o que é
negado

Bebe devagar o meu
desejo

ANTECIPAÇÃO

Entreabro as minhas
coxas
no início dos teus beijos

imagino as tuas
pernas
guiadas pelo desejo

oiço baixo o teu
gemido
calado pelos meus dentes

imagino a tua boca
rasgada
sobre o meu ventre

POEMA AO DESEJO

Empurra a tua espada
no meu ventre
enterra-a devagar até ao cimo

Que eu sinta de ti
a queimadura
e a tua mordedura nos meus rins

Deixa depois que a tua boca
desça
e me contorne as pernas de doçura

Ó meu amor a tua língua
prende
aquilo que desprende de loucura

GEOGRAFIA

Deitar-me sobre
o teu corpo
país de minha evasão

Geografia de agosto
com um mês
em cada mão

O rio que corre
em teu ventre
desagua em tuas pernas

Meu amor
a minha sede
é uma fêmea – uma égua

AS NOSSAS MADRUGADAS

Desperta-me de noite
o teu desejo
na vaga dos teus dedos
com que vergas

O sono em que me deito
pois suspeitas
que com ele me visto
e me defendo

É raiva
então ciúme
a tua boca

É dor e não
queixume
a tua espada

É rede a tua língua
em sua teia
é vício as palavras
com que falas

E tomas-me à força
não o sendo
e deixo que o meu ventre
se trespasse
E queres-me de amor
e dás-me
o tempo

A trégua
A entrega
E o disfarce

Lembras os meus ombros docemente
na dobra do lençol que desfazes

na pressa de teres o que só sentes
e possuíres de mim o que não sabes

Despertas-me de noite
com o teu corpo

Tiras-me do sono
onde resvalo

E eu pouco a pouco
vou repelindo a noite

E tu dentro de mim
vais descobrindo vales

ENTRE NÓS E O TEMPO

Assim... meu amor
penetra o tempo
as ancas devagar
as pernas lentas
o charco dos teus olhos
e a laranja
a palpitar dentro do meu ventre

Assim... meu amor
penetra o tempo
a boca devagar
os dedos lentos
a raiva do punhal que enterras
no sol pastoso
do meu ventre

Assim... meu amor
penetra o tempo
os rins devagar
o espasmo lento

ROSA

Desenha no meu ventre
a rosa
com o teu esperma

Ó meu amor!

Como a tua boca
é doce
no cimo das minhas pernas

POST SCRIPTUM

Afasto de ti com
raiva surda

o corpo
as mãos
o pensamento

e apago secreta
uma a uma
as velas acesas do teu vento

liberta ponho o corpo
em seu lugar
visto a cidade
penteio um rio sedento

penso ganhar
e fujo
e não entendo

penso dormir
mas não consigo
o tempo

E cede-se o vazio
sobre o meu ventre
e segue-se a saudade
em seu sustento

E digo este meu vício
dos teus olhos
de um verde tão lento
muito lento

Se penso que te deixo
já te quero

Se penso que recuso

já te anseio

Se penso que te odeio

já te espero

e torno a oferecer-te

o que receio

Se penso que me calo

já te grito

Se penso que me escondo

já me ofereço

Se penso que não sinto

é porque minto

Se pensas que me olhas

já estremeço

EDUCAÇÃO SENTIMENTAL

Põe devagar os dedos
devagar...

e sobe devagar
até ao cimo

o suco lento que sentes
escorregar
é o suor das grutas
o seu vinho

Contorna o poço
aí tens de parar
descer, talvez
tomar outro caminho...

Mas põe os dedos
e sobe devagar...

Não tenhas medo
daquilo que te ensino

LENÇOL

Porque o cabelo desprende
a duna deste lençol

Porque o linho se desvenda
estendido no corpo incerto

Porque os dedos se suspendem
e a sombra se desdobra

Porque talvez se recorta
ou talvez porque recorda:

O corpo na febre rota
o vinho no vaso aberto
O gemido no seu espanto
e o lençol tecido
no próprio interior do pranto

A DOENÇA II

Digo-te
um amparo para a cabeça
o ombro

os pulsos em repouso
sobre o ventre

A violência somente
sobre a boca
num meigo disfarce de doente

e os dedos em silêncio
no seu vício

E a língua mansamente
sob os dentes

e já na febre o corpo
recolhido

O sangue nas veias
docemente

Numa secreta afeição
ao que é sofrido
e não sente

AMBIGUIDADE

Não me acordes
se de acordo já estou morta

Não me dispas
se de pedra já me visto

Não me beijes
se de braços já me mordes

Não insistas
se de sono já desisto

Não detenhas o gesto
no sentido
se a mão afaga o corpo já despido

O NÓ

Que manso e cego
o nó da tua voz!

Se desatá-lo pudesse
dos meus lábios...

Se apunhalá-lo pudesse
ou não custasse
adormecer e acordar
com ele em face

A VOZ

Da tua voz
o corpo
o tempo já vencido

os dedos
que me vogam
nos cabelos

e os lábios a roçar-me a boca
nesta mansa tontura
de nunca tê-los

Meu amor
que quartos na memória
não ocupamos nós
se não partimos...

Mas porque assim te invento
e já te troco as horas
vou passando dos teus braços que não sei

para o vácuo em que me deixas
se demoras
nesta mansa certeza que não vens

A CHAMA

Não creias que danço
perto
da chama da tua mão

Meu amor de ti liberta
não cansa a baga do vento
por desmanhada e incerta

FACE A FACE

Bebi de ti
o suco do teu corpo

Inclinando baixo a boca
em tua taça

Frente a ti me ponho
me encontro
e sem disfarce

Contigo meu amor

Face
a face

DOCEMENTE

Docemente
disponho dos teus braços
dos peixes que navegam
docemente

Docemente
disponho em minha face
a faca dos teus olhos
docemente

Docemente
canso, disponho do cansaço
primeiro do teu afago
docemente

Docemente
afago, a tua boca apago
e vou negando a minha
docemente

SOSSEGO

Não creio que possuir-te
vença este meu medo
nem o desejo o dispa das ilhargas

Ah, meu amor!

Tanto desatino de raiva
e de loucura escondo
na branda tontura que me invade

Saber de ti,
quem sabe?

PODER ESQUECER

Poder esquecer que conheci
contigo
o interior antigo da cidade

A tua boca incerta
nos meus seios
a correr depois em minha face

Poder esquecer que ignorei
contigo
tudo o que quisemos e pensámos

As tuas lentas mãos
que percorriam
a curva dos meus rins
nas pernas que se abriam

Poder esquecer que conheci
contigo
os sítios mais meigos da cidade

Teus dedos na minha boca
entravam e percorriam
vorazes insaciados

Poder esquecer que conheci
contigo
aquilo que escondemos. Não fizemos

A minha língua leve no teu ventre
a traçar caminhos
que os dois perdemos

Poder esquecer que conheci
contigo
a recusa de nós

Que ignorei

contigo
tão meigas vontades que esquecemos

PERGUNTAS

Que suspensa
morte
se levanta?

Que trigo boca
se doba
na manhã?

Que lentidão
se acende
na garganta?

Que gado é este
comendo
a sua lã?

Lassa a maneira
do cristal do tempo
laço do corpo a nascer na roupa

Rente à nudez
que te mostro aberta
demora as mãos numa carícia louca

Nardo a crescer
já perto dos meus
seios
Seta dormente
já rente
dos meus lábios

Que lentidão
secreta
nos defende?

Que loucura
secreta

nos invade?

Perversa imagem
a minha
nos teus olhos

Talvez um espanto
uma incerteza
breve

Uma tontura leve
que nos prende
dentro do gesto que feito não nos serve

Mas já nos toma
a sede
da voragem

Mas já os dedos
vão
na sua arte
Os meus em mim
e os teus tão devagar
que em mim desfolham e em ti se alastram

Seda das coisas
onde se penetra
piscina funda de nadarmos sós

Se o caminhar em nós é tão secreto
como descer ainda mais degraus
para caminhos ainda mais desertos?

DEPOIMENTO

Eis que desço
as mãos
os dedos nus

Eis que empunho
o vidro
pela face

Eis que te utilizo
e te
destruo

Eis que te construo
e te
desfaço

Eis o gume novo
desta
pedra

Eis a faca aberta
na
manhã

As árvores
ocultas
nas palavras

O couro a violência
o trilho
a lâ

Eis o linho
bordado
numa cama

A linha
na fímbria

da toalha

O fuso o feltro

o fundo

da memória

Eis a água

dita

como vã

Depostos

objectos

da batalha

A tenda a espada

a sela

a sede a vela

Eis que deponho

aquilo

que me ganha

E que retomo

à seda com que visto

a faca de sede com que rasgo

O rigor da calma

o rigor das pernas

o rigor dos seios quando minto

TUA VELOCIDADE

Os cavalos brancos
do teu ventre
como veneno do vento

Os cavalos brancos
do teu sono
como vício brando no veneno do vento

Os cavalos brancos
dos teus dentes
como vidros no veneno do vento

Os cavalos brancos
do teu tempo
como varas venenosas do teu vento

O MAR NOS TEUS OLHOS

I

É o mar, meu amor
na febre dos teus olhos

É o manso fascínio
da onda que se inventa

É o mar, meu amor
mestiço nos teus olhos

É o mirto, o queixume
a mansidão tão lenta

II

É o mar, meu amor
o lastro dos sentidos
que afogas nos olhos
sem nunca te afundares

É o mar, meu amor
que transportas nos olhos
e onde eu nado o tempo
sem nunca me encontrar

PENUMBRA

Por dentro da penumbra
o cheiro a fruta
o gosto do feno no afago

os gomos do gozo
onde se afundam
pétala por pétala no poço do teu hálito

FACA E FENDA

São cíclicos os sentidos
na lenta raiva dos meses
no cuidado com que visto

o amor todas as vezes
quantas contigo
me dispo

ou desfruto
deixo
e minto

Me deponho e me defendo
empunho
faca e fenda
no fundo sangue do tempo

GOTA DE ÁGUA

Gota de água
eu
em tua boca

A matar-te a sede
de solidão incerta

O que mais serei eu
se apenas
essa chuva

Gota aprisionada
que logo se liberta?

CICUTA

Debruça-te meu amor
e colhe-me a manhã

Bebe-me o hálito
morde-me os gemidos

Eu sou o copo
de cicuta

(o vinho)

Com o qual envenenas
os sentidos

NEM SÓ

Nem só do teu silêncio
direi raiva
Nem de todo o meu corpo
direi vício

Nem de todo o pénis
direi arma
E apenas do teu
direi ter sido

Quando o vácuo
é de vingar
ou de vergar
cravando sobre os seios a sua enxada

Quando a minha boca
se conjuga
no teu baixo-ventre
e tua espada

Nem de todo o desejo
direi verão
Nem de todo o grito
a tua imagem
Nem de toda a ausência
direi chão
E só dos teus flancos
a viagem

ESTILHAÇOS

São os brancos estilhaços
dos teus olhos
no avesso do feltro da saliva

A língua branda
com que te fecho os olhos
ou te entreabro os lábios e as gengivas

Gume do gosto
na faca
do palato

Palavras roucas
que tu lá aninhas
a devorares no sono dos estilhaços
o ouro dos olhos
dos pombos as anilhas

Sedutora
da semente
mais aberta

Poço
do corpo
ou fruta do seu vaso
onde penetras e bebes
minha água

Olhos de vento
no ventre dos estilhaços

ROSEIRAS

São as plantas que nascem
no teu peito
e no meu vêm beber
com as suas línguas ávidas

São as ásperas raízes
que nos rasgam
dormentes e presas
no teu ventre

E do meu seu alimento
viciadas

OUTRO CORPO NÃO

Outro corpo não
só canto as tuas pernas

a tua boca morna
por dentro da saliva

Outros lábios não
só canto a tua língua

o teu púbis denso
curvo e em ogiva

Outro corpo não
só canto as tuas ancas

as tuas coxas magras
duras e compridas

O PÊNIS – A HASTE

Eis a haste da noite
acesa no meu corpo

um gesto mais longo
a encrespar a pele
num silêncio poisado
mas de borco

Eis a haste do corpo
em seu repouso
como se a rosa ou nada
ou campo raso

como se haste
só apetecida
brandura erecta em que se reparte

A VEIA DO (TEU) PÊNIS

O vulto...

A vulva?

A veia em movimento
que cresce e doma
o nervo do teu pênis

O ventre...

O vácuo?

O vício do teu corpo
ópio de esperma
com ele me enveneno

ESPERMA

Traço a romã
por dentro do teu ventre
onde se inventa a fonte
dos teus espasmos

Um rubi de esperma
e de silêncio
num odor de fruto
onde o útero acaba

O CORPO – O COPO

Despe o corpo
o copo no sabor

água ou fato
ou filtro que se tira

o feltro brando do copo
ou do corpo

pernas que os dedos
tocam
quedam, viram

Despe-se o corpo
o copo
pelo vidro

Vaso que afunda
toda a humidade
e a boca usa as bordas desse copo
como se o corpo bebido em saciedade

Suor aberto usado por vestido
que desde o cimo se rasga até abaixo

Deixando assim antever
a sede
que o copo mata
e o corpo apenas abre

Sabre do gosto
nos nervos deste vinho
que a nu se lega
a correr no sangue

Despido o copo
o corpo pelo cimo

Que pelo fundo
se morde
beija
ou lambe

IMPREVISTO

Que surpresa
a dos dedos
quando percorrem o corpo

ou espalham os cabelos
pelas costas
despidas

Em breve será o ventre
e em seguida

as pernas lentas
mansamente erguidas

O CORPO

Digo do corpo
o corpo
e do meu corpo

digo do corpo
o sítio e os lugares

de feltro os seios
de lâminas os dentes
de seda as coxas
o dorso em seus vagares

Lazeres do corpo
os ombros
as lisuras o colo alto
a boca retomada

no fim das pernas
a porta da ternura
dentro dos lábios
o fim da madrugada

Digo do corpo
o corpo
e do teu corpo

as ancas breves
ao gosto dos abraços

os olhos fundos
e as mãos ardentes
com que me prendes
em súbitos cansaços

Vício de um corpo
o teu
com o seu veneno

que bebo e sugo
até ao mais amargo

ao mais cruel grau
do esgotamento
onde em silêncio
nado em cada espasmo

Digo do corpo
o corpo
o nosso corpo

digo do corpo
o gozo
do que faço

Digo do corpo
o uso
dos meus dias

a alegria do corpo
sem disfarce

A BOCA – OS LÁBIOS

A boca
os lábios

o labirinto dos dentes
que a saliva procura
na vagina da face

A LÍNGUA

Quanto mais lenta
é a língua

(a tua língua)

mais breves são os lábios
e sobretudo os dentes

a resvalarem breves na saliva
misturada já
no cimo do meu ventre

Quanto mais branda
é a língua

(a tua língua)

mais silenciosos são os lábios
e as gengivas
a enrijecerem

com a acidez do suco
que brota logo do fruto
da vagina

Quanto mais leve
é a língua

(a tua língua)

mais pesado é o hábito
que circula
enovelando o que sobra ainda

de lucidez
de prazer
e gula

OS CABELOS

O peso vegetal
da noite nos cabelos

do mar que se insinua
na flor
dos cabelos

do fuso e da língua
nos cabelos

Depois há a memória
os dedos
a palma quente

o pulso que se insinua
a fita que se desprende

A nudez o rio
o risco
o traço laçado sempre

o ritual dos ombros
e nos cabelos
a sede

os goivos brandos
da seda
dos cabelos

Tão pouco as mãos
desmancham
ou descuram

tomam e imobilizam
no jaspe
da moldura

Da maciez cantada

dos cabelos

permanece a cor
deles nascendo
o metal das horas

O novelo do tempo
um odor de fruto
que perdura

pérola de novo
ou ametista
pura

A NUCA

Para a nuca
a boca
a guilhotina

a mansidão da pele estagnada
perto da raiz onde o cabelo
nasce – cresce mas é ainda nada

Nunca dobada
bordada a fio de prata
na morna tepidez desses cabelos

arbusto brando
humedecido e lasso

da lâmina o vício
dos lábios o cansaço

O PESCOÇO

Junto dos ombros
o caule
a ligação do corpo
com o qual se une
em seu vagar
se verga
e entorpece aos poucos
labirinto de veias
à transparência
ao osso
quebrado com vagares
Tendões que de manso
cedem
e transportam o vício
sem cessar
para a boca dos outros

OS OMBROS

Os ombros
a forma espessa dos ombros
na penumbra

sob a pele dos ombros
uma réstia funda
onde os gestos das mãos

adormecem
e retornam dos ombros
pelo caminho dos braços

Baraços das asas
que se acolhem
nos ombros

o sabor o odor
salgado vai subindo
e nos ombros
formam a linha dos braços

Os dedos não dominam
um ombro solitário

Aquário do corpo
pelo dentro do silêncio
do corpo
do espesso do opresso
cansaço
do corpo

Opala marinha
a língua onde os ombros
não consomem
a doçura do quarto
quartzo

o ombro breve e espesso
na rouca maneira do afago

AS AXILAS

As axilas
com o seu meigo sabor
a chocolate

gosto a ferro dormente
na maciez que as invade

pois onde a língua desliza
há toda uma ambiguidade
se é saliva ou suor
delas sal ou humidade

(gruta que braços resguardam
e onde os gestos demoram)

filtrando do corpo todo
o que depois elaboram
mansos odores que desprendem
e prendem na mesma hora

OS BRAÇOS

O nó dos braços
à roda
do pescoço

Ou lassos abertos
em cima
do lençol

Os braços o gosto
de domarem o corpo
afastando e unindo a sua fome

Limite digamos
se tomam
a fadiga

finalmente fechados
nos ombros
onde se acolhem

no regaço
do ócio
onde se confirmam

e a própria cabeça se inclina
desapertando o langor
que há nos olhos

OS PULSOS

Os pulsos

São os pulsos que se esquecem
guardando das mãos
os movimentos

poços fechados também
do pensamento
onde se perdem os dedos da paixão

Piscinas não de sangue
mas ternura
onde deixamos a boca mergulhada

Se neles cravamos com doçura
os dentes sem febre nem vergasta
logo no corpo se acende esta loucura
onde os pulsos bebem
sugam
e devastam

AS MÃOS

Porque das mãos
toda a importância está
no que seguram

Digo-vos:

naquilo que procuram
e afloram por vezes
sem aceite

nem ternura

Porque das mãos
toda a razão
está no que descuram

Digo-vos:

naquilo que desfrutam
e manipulam
por vezes sem vontade

nem brandura

OS DEDOS

Serenamente os dedos
sob os dedos

um fogo brando
nos seios da madrugada

se bebo o medo
do medo dos teus dedos
apago os lábios
nos lábios dessa água

Côncavo breve da palma
e logo os dedos
da tua mão fechada na cintura
depois descendo
crescendo e já fendendo
tocando enfim no topo da loucura

Punho da espada
ou pulso do teu braço

os dedos baixo
descobrindo o nada

enquanto eu monto renasço
e vou gemendo

subindo em mim
até de madrugada

OS SEIOS

Não se tem dos seios
mais que brandura erecta

O resto é pedra e terra
em seu anseio

O gosto brando
acidulado e róseo

brota nos lábios
e enlouquece a meio

Matriz do suco
onde a saliva vence

os bicos duros
na sede onde se dobam

Voraz primeiro
a raiva em que acendem

se curvam breve
sobre a boca ansiosa

A CINTURA

O livre acesso aos dedos
na cintura
que marca o centro do corpo
em sua análise

A curva branda
no breve ser dos dedos
que aí não param senão
a debruçarem

O tronco as ancas as coxas
que se alongam
duras e tensas como pilares
das nádegas

Mármore aceso
pelo calor da carne
mármore da pele
aí detido e lento

Círculo breve
que ao repelir oferece
cintura só
no contornar dos dedos

AS NÁDEGAS

Porque das nádegas
a curva
sempre oferece
a fenda
o rio
o fundo do buraco

Para lento uso do corpo
nunca o fraco
poder do corpo em torno desse vaso

Ambíguo modo de ser
usado
e visto

De todo o corpo
aquele
menos dado

Preso onde está já
do próprio vício
e mais não é que o limiar do acto

AS ANCAS

Desloquemos as ancas com cuidado
se for ao andar mas não na cama
que aí as ancas ajudam e ajustam

Curvam e tomam das posições
a correcção exacta
para melhor prazer e maior chama

Medida certa e seca em cada corpo
as ancas lentas no ardor da carne
na ternura das pernas onde se ama

Pois a modulação das ancas
é a ondulação das ancas
é a ondulação do mar e do deleite

Da vertigem das ancas

O VENTRE

Repositório do corpo
e taça dos seus líquidos
é o ventre o repouso sobre a cama

Mas é também o acto
e o motivo
ternura lenta que a língua planeia

É a chama do corpo
é o susto é aquilo
é tudo o que inventar se possa na vontade

Tão depressa mármore
como vidro
tão depressa mar como ansiedade

O UMBIGO

Falemos em seguida
do umbigo
onde a sede

(a sebe)

se prende devagar
e devagar se escoa

(estende)

a quem do corpo
bebe
o manso lago adormecendo a pele
o lento e manso lago
de envenenar e entorpecer
a boca

O PÚBIS

Dália dormente
largada sobre o corpo

Duna sedenta
a começar nas pernas

Limo enlaçado
no fundo do seu ventre

Pálpebra acesa
na raiz das trevas

Taça de areia
virada no seu fundo

Onde se afunda
a boca sobre ela

Piscina espessa
onde nada a sombra

Guelra do corpo
a respirar a névoa

O CLITÓRIS

Eis na flor
o nervo mais antigo
na boca dela o botão dos lábios

Centro do gozo no lugar
mais íntimo

Lugar do corpo
de me vir a nado

Cisterna
cisterna
de todo o orgasmo

A BOCA DO CORPO

Digo da boca do corpo
uma rosa

a língua lenta
e o suco da garganta

Gomo a gomo
do útero
a laranja

Pétala por pétala
tecida a sua franja

O fito o fato
tirado pela cabeça

Em baixo a boca
no fio do movimento

Acompanha o pé
subindo até à anca
o fio do cuspo

da rosa o alimento

A arte a harpa
tangida
nos joelhos

de borco a porta

escondida no calor
do corpo a boca
colhida como rosa

na jarra acesa a rosa em seu odor

Do corpo a boca
no lago dos sentidos
guiando os dedos

em cima o seu labor

que os lábios bordam
na boca

os seus gemidos

A rosa a roca
a boca da flor

A VAGINA

É cálida flor
e trópica mansamente
de leite entreaberto às tuas mãos

Feltro das pétalas que por dentro
tem a felpa das pálpebras
da língua a lentidão

Rosa do corpo
pulmão que não respira
dobada em cuspo tecida a sua água

Flor carnívora voraz do próprio suco
no ventre entorpecida
nas pernas sequestrada

AS VIRILHAS

Entreabrem-se as coxas
e expõem-se
as virilhas

Com a tepidez
do musgo
ao tacto incerto

Perto de um bosque
que precipita ainda
em humidade doce

o lábio
o dedo
e só depois o gesto

Morbidez do corpo
pior que as axilas
estas colinas mansas entre as pernas

Lugares onde o útero
guarda
o seu clima

pequenas cordilheiras
a seguir
se incerta se procura
o túnel da vagina

OS JOELHOS

São os joelhos
sítios da entrega

quer afastados unidos
ou despidos

São os joelhos
os sítios já escolhidos

como caminhos
lugares
ou alcateias

São os joelhos os sítios
já tomados

quer sejam breves
erguidos
ou aldeias

De pernas longas
e coxas recurvadas

ou dos joelhos
as indomáveis teias

Textura baça
debaixo do vestido

cuja bainha acentua
e estreita

De bruços posta
de joelhos lidos

dobados devagar
no vício da ideia

AS PERNAS

As pernas
as pérulas
os caminhos

que do corpo
no corpo desaguam

Gadíolos postos
no seu cimo
modeladas na pele das pessoas

As pernas
as pérulas
os rios

que no sangue perturbam
os gerânios
e nas coxas alastram o seu estio
dobrando os nervos na curva dos joelhos

OS PÉS

Se mansamente percorreres
as pernas
encontrarás os pés

(de cima a baixo
as pernas
para tomares os pés)

Tornarás depois
no sentido inverso
ao longo das pernas

Mas sem deixares os pés
que guardarás nas palmas
das tuas mãos fechadas

Sobre o peito dos pés

RITUAL DO AMOR

I

A fímbria do vestido
a fenda do vestido

As pernas cruzadas
na racha entreaberta

Os braços erguidos
e o vestido
subido nas coxas que se despe

II

Depois é a penumbra
e o vestido
a tirar pela cabeça
amarrotado

As mãos abocanhando
o cimo do vestido
no desatino – na pressa
que as invade

Acesa a carne
no ócio dessa tarde
liberta enfim da seda do vestido
que em vez de seda é sede
e é a tarde
acesa enfim no corpo sem vestido

III

A fímbria do vestido
a fenda do vestido

na febre em que
se despe
e é tirado
no hálito do quarto

ou atirado
e cai devagar
depois de ser despido

IV

Aos pés
está o vestido
amachucado

depois os joelhos no vestido

as coxas brandas e doces
no tecido
que vai cedendo ao gosto dessa tarde

V

A fímbria do vestido
a fenda do vestido

que se ergue
do chão
amarfanhado

o vestido que mal foi despido
conheceu do corpo
o peso do seu acto

VI

Assim volta à maneira
de vesti-lo

tornar a descê-lo pelos braços
cortando logo a tarde
e a ternura
perdida na penumbra desse quarto

VII

Quanta saudade
da seda do vestido
que à pele adere
num outro abraço

Barão entorpecido
nos sentidos
secreta maneira
de tolher os passos

VIII

A fímbria do vestido
a fenda do vestido
Já só memória
o corpo todo
nu

Dissimulado agora pelo vestido
que os dedos abandonam
um a um

IX

A fímbria do vestido
a fenda do vestido
que o gesto alisa
ao descer o fato

Vestido que na fímbria
ainda é vestido
mas não na fenda
onde já se abre

MASTURBAÇÃO I

Eis o centro do corpo
o nosso centro
onde os dedos escorregam devagar

e logo tornam onde nesse centro
os dedos esfregam correm
e voltam sem cessar

e então são aí os meus
já os teus dedos

e são meus os dedos
já a tua boca

a ir sorvendo os lábios dessa boca
que manipulo conduzo
pensando em tua boca

Ardência funda planta em movimento
que trepa e fende fundidas já no tempo
calando o grito nos pulmões da tarde

E todo o corpo é esse movimento
em torno em volta
no centro desses lábios

que a febre toma engrossa
e vai cedendo, a pouco e pouco
nos dedos e na palma

MASTURBAÇÃO II

Desacerto dos lábios na cintura
porque nomeias mais do que conheces
prata lavrada no brando da nervura
pelo cinzel da boca com que despes

Desapego talvez ou só desassossego
rubi das pernas que tomo debruçada
como cicuta da polpa dos teus dedos
mosto do corpo nas pétalas fechadas

MODO DE AMAR I

Lambe-me os seios
desmancha-me a loucura

usa-me as coxas
afaga-me o umbigo

abre-me as pernas
põe-nas nos teus ombros

e lentamente faz o que eu te digo

MODO DE AMAR II

Vais pôr-me de borco
assim inclinada

a nuca a descoberto
o corpo em movimento

a testa a tocar a almofada
que os cabelos afloram
tempo a tempo

Vais pôr-me de borco
digo
ajoelhada

as pernas longas
firmadas no lençol

e não há nada, meu amor
já nada, que não façamos
como quem consome

(Vais pôr-me de borco
depois inclinada
os meus seios pendentes
nas tuas mãos fechadas)

MODOS DE AMAR III

É bom nadar assim
em cima do teu corpo
enquanto mergulhas já
dentro do meu

Ambos piscinas que a nado
atravessamos
de costas tu meu amor
de bruços eu

MODOS DE AMAR IV

Encostada ou de lado
no teu peito

em leque as pernas
abertas
o ventre inclinado

ambos de pé
formando lentos modos

As sombras brandas
tombadas
no soalho

MODOS DE AMAR V

Docemente, amor
ainda docemente

o tacto é pouco
e curvo sob os lábios

E se um anel no corpo é saliente
digamos ser de pedra
onde se abre

Opala enorme e morna
tão fremente

dália suposta
no calor da carne

lábios cedidos
de pétalas dormentes

Louca ametista
com odores de tarde

Avidamente, amor
com desespero e calma

as mãos subindo pela cintura dada
aos dedos puros uma aridez de praia
que a curvam loucos até ao chão da sala

Ferozmente, amor
com torpidez e raiva

as ancas descendo como cabras
tão estreitas e duras desarmando
a tepidez das minhas que se abrem

E logo os ombros
descaem
e os cabelos

desfalecem as coxas que retomam
das tuas o pecado e o esquecê-lo
em cada movimento em que se domam

Suavemente, amor
agora velozmente

os rins suspensos
os pulsos
e as espáduas

o ventre erecto
enquanto vai crescendo
planta viva entre as minhas nádegas

MODO DE AMAR VI

Inclina os ombros

Deixa
as minhas mãos avançarem
na branda madeira

Na densa madeixa do teu ventre

Deixa
que te entreabra as pernas
docemente

MODO DE AMAR VII

Secreto o nó na curva
do meu espasmo

E o cume mais claro
dos joelhos
que desdobrados vejo nos espelhos

Ou dos teus ombros amor
o meu flanco
na luz dobada vinda do teu espanto

MODOS DE AMAR VIII

Macias as pernas
na penumbra

e as ancas
subidas
nos dedos que as desviam

Entreabro devagar
a fenda o fundo a febre
dos meus lábios

e a tua língua
vagarosa

Toma morde
lambe
essa humidade esguia

MODOS DE AMAR IX

Enlaçam as pernas
as pernas
e as ancas

O ar estagnado
estendido
no quarto

As pernas deitadas
ao comprido
sob as pernas

E sobre as pernas
vencem o gemido
flor nascida no vagar do quarto

MODO DE AMAR X

A praia da memória
a sulcos feita
a partir da cintura

Memória da boca
dos ombros
da tua mansa língua que caminha

A abrir-me devagar
a pouco
e pouco

Lugar onde a sede
se eterniza
piscina onde o tempo se desmancha

A anca repousada
que inclinas
as pernas retesadas que levantas

Mas logo estão os lábios
e se adormentam
no retomar da pele da saliva

A penetrar-me sem pressa
e mais sedento
o vínculo os corpos a vastidão do tempo

MODOS DE AMAR XI

Nunca adormece a boca
no teu peito

A minha boca sem pressa
descendo-te até ao ventre
a beber devagar o que é desfeito

MODO DE AMAR XII

Tenho nas mãos
teus testículos
e a boca, deles tão perto
que neles te sinto
o vício
num gosto de vinho aberto

MODO DE AMAR XIII

São as pedras
os seios
são as pernas

pele e brandura
no interior
dos lábios

Rosa de leite a subir devagar
na doce pedra
do muco dos meus lábios

São as pedras
os seios
são as pernas

Pêssegos nus
no corpo
descascados

Saliva acesa
que a língua
vai cedendo

o gozo em cima
na pedra
dos meus lábios

Jogo do corpo a roçar o tempo
de ser passado
na minha memória

a mão dolente
como quem masturba
entre os joelhos uma longa história

Vida sangrada de onde se vislumbra
(joelhos desviados sobre a almofada)

ali sedento o fim de onde desfruta

o fruto a fenda

o fundo onde se afunda

o lado do corpo já fechado

MODO DE AMAR XIV

São grinaldas de rosas
em torno
dos joelhos

O âmbar dos teus dedos
nos sentidos

O reflexo do espelho
onde o meu corpo
espia devagar os teus gemidos

É o gomo depois
e em seguida a polpa

O penetrar do dedo
o punho do punhal

A enterraes no corpo
docemente
como quem adormenta
aquilo que é fatal

É a urze debaixo
onde o lodo aquece

O arrepio a deslizar
pelo umbigo
sede secreta da boca mais sedenta

Bordada a cuspo
na pele do umbigo

E se desdigo a febre
dos teus olhos
logo me entrego à febre
do teu ventre

Que vai cedendo

as rosas os escombros
e os escolhos

Grinaldas de prazer
em torno dos joelhos
a entreabri-los então suavemente

MODO DE AMAR XV

Entreabre-se a boca
na saliva da rosa

na rasura da fenda
na fissura das pernas

Entreabre-se a rosa
na boca onde descerra
no topo do corpo
a rosa entreaberta

E prolonga-se a haste
a língua na fissura
na boca da rosa
na caverna das pernas

e aí se entrecurva
se afunda e se perde

se entreabre a rosa
entre a boca das pétalas

GOZO I

Linho dos ombros
ao tacto
já tecido

Túnica branda
cingida
nas espáduas

Os rins despídos
no fato já subido
as tuas mãos abrindo a madrugada

Linho dos seios
na roca dos sentidos
a seda lenta sedenta na garganta

A lã da boca
cardada
no gemido

E nos joelhos
a sede
que os abranda

Linho das ancas
bordado
de torpor

A boca espessa
o fuso
da garganta

GOZO II

Desvia o mar a rota
do calor
e cede a areia ao peso
desta rocha

Que ao corpo grosso
do sol no meu corpo
abro-lhe baixo
a fenda de uma porta
e logo o ventre se curva
e desfalece

e logo as mãos se fecham
e encaminham

e logo a boca rasga
e entontece

Nos meus flancos a faca e a frescura
daquilo que se abre e prevalece
Enquanto tece o espasmo o seu disfarce
e uso do gozo a sua melhor parte

GOZO III

Põe meu amor
teu preceito

teu pénis
meu pão tão cedo
de vestir e de enfeitar
espasmos tomados por dentro

a guarnecer o deitar
de tudo que sou gemendo

Meu amor
por me habitares
em jeito de teu
invento

ou com raiva de gritares
quando te monto
e me fendo

GOZO V

Vigilante a crueldade
no meu ventre

A fenda atenta e voraz
devorando
a paz dormente

A febre que a boca
empresta
a vela que empurra o vento

A vara fendendo
o corpo

A crueldade por dentro
do grito do teu orgasmo
porque me prende e desprende

GOZO VI

São de bronze
os palácios do teu sangue
de cristal absorto e ensimesmado

São de esperma
os rubis que tens no corpo
a crescerem-te no ventre ao acaso

São de vento são de vidro
são de vinho
os líquidos silêncios dos teus olhos

As rútilas esmeraldas
divididas a ferirem de verde
onde ainda nem sabes

São cintilantes grutas
que germinam
na obscura teia dos meus lábios

O hálito dúplice a saliva a língua
e só depois
as veias que reabres

São de cúpulas crisálidas
são de areia
São de brandas catedrais
que desnorteiam

(São de cúpulas crisálidas
são de areia)

Na minha vulva
o gosto dos teus espasmos

GOZO VII

São as tuas nádegas
na curva dos meus dedos

As tuas pernas
atentas e curvadas

O cravo o crivo
sabor da madrugada
no manso odor do mar das tuas espáduas

E se soergo com as mãos
as tuas coxas
e acerto o corpo no calor das vagas

Logo me vergas
e és tu então que tens os dedos
agora em minhas nádegas

GOZO VIII

Em cada canal a sua veia
o veio que intumesce
no fundo da sua teia

Em cada vento
o seu peixe
no tempo que a água tenha

Sedosa na sua sede
viciosa em sua esteira
da seda o tacto e o suco
dos lábios à sua beira

Como se fosse um beiral
do corpo
na língua inteira

Ou lugar para guardar
o punhal onde se queira
em cada punho o seu ócio

Um cinzel de lisura
com a doçura do pranto
de prata e bronze a secura

O travesseiro não apoia
as pernas já afastadas
mas ajusta as ancas dadas
pelo gozo que as arrasta

Escalada que se empreende
na pele das tuas nádegas
em cada corpo há o tempo
no gozo da sua adaga

Mas só no teu
há o espasmo

com que o teu pénis me alaga

GOZO X

São de bronze
os teus flancos
de feltro a tua língua

De felpa ou seda
a abertura incerta
cedendo breve a humidade esguia
presa no quente interior da pedra

Ou musgo doce da haste sempre dura
de onde pendem teus dois mansos frutos
que a boca aflora e os dentes prendem
a tactear-lhes o hálito e o suco

GOZO XI

Conduzes na saliva
um candelabro aceso

um chicote de gozo
nas palavras

E a seda do meu corpo
já te cede
neste odor de borco onde me abres

Sedenta e sequiosa vou sabendo
demorar o tempo que se espraia
ao longo dos flancos pois vou tendo

as tuas pernas
vezes o teu ventre

A tua língua
vezes os teus dentes
na pressa feroz com que me ganhas

GOZO XII

São tuas as pálpebras
dos meus dias

Tal como a laranja do lago estagnado
é a lua do lago ao meio-dia
quando o sol nos ombros está rasgado

São teus os cílios
que as noites utilizam
é tua a saliva dos meus braços

É teu o cacto que no ventre incerto
debruça sem deixar
os seus orgasmos

Não guardo mais do meu saber
das coisas
pois tudo o mais te faço eu deitada

Enquanto me sentes e o teu corpo cresce
dentro do mundo
na minha mão fechada

OS DOIS CORPOS

O peito o feltro
a curva da cintura

As mãos os dedos
a lentidão dos braços

da boca os gomos
da outra boca
os dentes

A laranja
das coxas

O ventre
que entreabres

O vaso
o visco o suco
do teu corpo

O surto o sítio
o véu do teu palato

Os pés o pénis
no sono dos meus ombros

Os seios as pernas
os pulsos
que entreabres

O vidro do desejo
o vinho dos teus olhos

O vagar da arte
dos teus hábitos

O cedo
a sede da pele
das virilhas

na branda sede
da pele dos teus lábios

ANJOS DO PRAZER

Aventura

VII

Têm uma conotação
sexual
de aventura

com a sua vagina
entreaberta
e o seu clitóris tumefacto
e tenso
à ponta dos dedos

Asas

XIII

Eles voam com as suas asas
de prazer:

os anjos da fala
– dormindo na saliva da boca

ANJOS DO AMOR

Abraço

II

Que domínio
tenho
dos teus braços?

meu amor

ao voares sobre o que eu faço
com o teu corpo de cetim
nadando em nosso abraço

Anjo negro

VII

Tu
és o anjo negro
da boca...

do meu corpo

ANJOS DO CORPO

Guarda

I

Meu infatigável...
anjo
da guarda do corpo...

Pastores

II

São os anjos quem
guardam
os orgasmos

Pastores
dos rebanhos
dos ardores
dos odores do corpo

Confissão

III

Hei-de confessar-te
um dia
o meu desejo

um anjo

que me acaricie devagar o clitóris
as pernas entreabertas
ao meu beijo

Voar

VI

Sou eu que te transformo
de prazer
em anjo do orgasmo

infatigável
suco
da língua

naquilo que te faço

Despir

IX

Despir os anjos
um por um

passando-lhes a língua...

lentamente,
pelo sal do pénis
sorvendo-lhes em seguida
os sucos da vagina

Céu

XII

Lambe-me devagar
o céu da boca

como se a voasses

Matiz

XIII

É um púbis de anjo
com pequenas asas

sob:
sobre o doce matiz
matriz
do clitóris

Cisterna

XV

Adormeço de ventre
em tuas
asas

deitada ao comprido
no espaço
das tuas penas

pernas

Cisterna
posta à beira
da sede dos teus braços

Arrepio

XVII

Traz o anjo
o arrepio
ao corpo todo

um aperto nos
seios
e na vagina

Uma febre incerta a vaguear
nas asas, nas coxas
e nas veias

Voo

XIX

O teu corpo
neste envolvimento
de voo

e de vulva

Meu amor a mergulhares
de vertigem:

Anjo expectante
da vagina

Desejo

XXI

Não tens noção
de quanto o corpo é corpo
no desejo

Anjo

voando sobre
o que é baixo

Sob

voando sob
o que é por baixo

Tocar-te

XXII

Tocar-te apenas
com a língua
a cabeça do pénis

como se devagar
lambesse
o meu clitóris

Até sentir o orgasmo
tregar-me
nas pernas

Saliva

XXIII

Bebem os anjos

a saliva
dos anjos

Pela taça
– taça –
da vagina

ANJOS DA MEMÓRIA

Teu corpo

XV

A parte que é
anjo
do teu corpo

e me procura a meio
da madrugada

sobrevoando o lago
que é suposto
ser no meu sono
aquilo que calava

A parte que é
anjo
do teu corpo

e me visita
a meio da madrugada

descansando as asas
dos teus ombros
a meu lado:
em cima da almofada

ANJOS MULHERES

Rumo

XIV

Mudar o rumo
e as pernas mais
ao fundo

postas por trás
dobradas pelos rins

Abrindo o ar
com o corpo num só golpe

Soltas
voando
até chegar ao fim

*Direi nos poemas
a cintilação das pedras
... acesas?*

PONTO DE PÉROLA

Este é o ponto de pérola
alinhavado
ternamente tomado
pela língua

Lambo e engulo
o seu travo amargo

Travo-lhe o gosto
cuspo-lhe a bainha

Em seguida perco-me
confundindo os cheiros
dividindo os gostos
que se alpendram gastos

O cuspo grosso
de açúcar cheio
se mexo e o ponho
a um lume farto

Que importa, afinal
o doce que se alcança?
O rasto rápido
de um limão amargo?

Eu sou aquela que sem
esperança
leva o desejo
até ao ponto exacto

A CORPO INTEIRO

Um silêncio dormente
a corpo inteiro
Com este odor a verão
desencontrado

Esta chama, estes lábios
e este cheiro
dormindo entre os braços
Mas primeiro:
doce bebido de um leite
coalhado

AMÊNDOA AMARGA

Esse travo inteiro
a amêndoa
amarga

A ameixa
a doce a ferver no tacho

Esse travo na língua
a fermentar no corpo

A febre a nascer
a crescer debaixo

Em baixo...
a saia a subir nas coxas
e esse cheiro mais grosso se entreabro

As pernas os lábios
e o gosto
onde o sabor da amêndoa
se torna mais amargo

É esse o momento
o instante exacto
em que tudo se prende
ao gesto sem sentido

A calda no ponto
deixa a língua em brasa

E eu tiro pela cabeça
o meu vestido

DE AMOR

Falar da paixão
mais do que o sangue

Mais do que o fogo
trazido ao coração

Mais do que a rosa acesa
só por dentro
revolvendo no peito
a ponta de um arpão

Falar da febre sem fé
do animal feroz

Dos líquenes abertos
e dos lírios

Falar desassossego sem razão
uma raiva que silva no delírio

Contar quanto dói
a dor no peito
Quanto é contraditória
esta prisão

Que me faz ficar livre no que sinto
e logo envenenada à tua mão

MORRER DE AMOR

Morrer de amor
ao pé da tua boca

Desfalecer
à pele
do sorriso

Sufocar
de prazer
com o teu corpo

Trocar tudo por ti
se for preciso

O VOO

Tira-me a blusa, amor
que eu tiro-te a camisa
percorro-te com a língua
o ventre desvendado

e tu vais-me tomando
tocando, mais acima
entreabrindo-me as pernas
puxando-me para baixo

E nada mais sossega ou se aquieta
afirmas,
e eu conheço a chama no corpo
desatada

essa onda rasgada
que fulmina
nos envolve, convulsa
e tresloucada

Depois
nenhum dos dois
já sabe onde termina
onde se acoita o grito devorado

Pelo prazer que rompe
e que domina
o corpo, meu amor
do nosso desacato

DO EXCESSO

Tu deslizas, tu moves
e tu escutas
Tu lutas por escapar na tua rusga

Tu escusas de atentares
e de ficares
agachado no silêncio à minha escuta

Tu doce ou agressivo
tanto monta

Tu monte ou mar
tanto se usa

Se aí ficas preso
nesse esgar
a tentar entender a minha fuga

Tu partes e regressas
estás atento
a cada gesto feito à minha beira

Dispões o disponível
e não despes
senão o que tu queres e eu não queira

Tu escutas o escusado
e só no excesso
me encontrarás a beijar-te o corpo todo

Sou eu a pôr aquilo
que tu vestes
e disponho daquilo que tu escondes

Tu rápido exacto
e porque não? – perdido
rasgado no meu peito o tempo todo

Irás descobrir-me
na paixão

Pois só aí eu sou
e aí me encontro

O CORPO, OS CORPOS

Dizer do corpo
o corpo da poesia

Os ombros
os seios
o ventre que sequestra

Entre as pernas fechadas
a vagina
com a sua longa boca entreaberta

Pensar do corpo
o corpo da poesia

Mais os dedos do que as mãos
sobre as arestas
mais as fendas do que o liso

Mais a ruga
Mais a rusga das coxas
e das pernas

Depois vêm os dentes e a língua
a descer no trilho brando do umbigo
bebendo o sal do suor da pele
e o fermento de um doce que não digo

Escrever do corpo
o corpo da poesia

Os pulsos tão febris
a nuca
e a garganta

O silêncio de uns olhos
que por certo queriam
ver bem mais longe
do que o púbis deixa

*Deito-me no tojo
da paixão desavinda*

*Em brasa ardendo
até ao fim
da vida*

*O desejo aceso
à lareira do corpo*

*Com a sua chama
sem rumo
em forma de asa*

OS TEUS PULSOS

Esta chuva, meu amor
faz-me lembrar

... a rosa molhada
dos teus pulsos

INVENÇÃO

Se é por ti que traço
o teu retrato:
a sobrancelha, a boca
o pensamento

É por ti, também
que já o guardo
e o demoro naquilo
que eu invento

A mão descida ali
o ombro inclinado

Os dedos descuidados
o gesto de que lembro

Se é por mim que faço
o teu retrato
dizendo de ti mais do que
entendo

É por ti que o testemunho
e faço:
o nariz, a face
dissimulando os dentes

Deixo para o fim os lábios
os olhos deste mar
com a cor do luar
a meio de Agosto

Se desvendo de ti o sol-posto
é porque vejo o coração
amar
e nada mais me dá tamanho gosto

VÍCIO

Saberás tu da vertigem
só o vício?

Logo no começo
o fim do precipício

JOELHO

Ponho um beijo
demorado
no topo do teu joelho

Desço-te a perna
arrastando
a saliva pelo meio

Onde a língua
segue o trilho
até onde vai o beijo

Não há nada
que disfarce
de ti aquilo que vejo

Em torno um mar
tão revoltoso
no cume o cimo do tempo

E os lençóis desalinhados
como se fossem
de vento

Volto então ao teu
joelho
entreabrindo-te as pernas

Deixando a boca
faminta
seguir o desejo nelas

CANTO

Retomo

Retribuo

Rebusco

O rebuço do lábio
sobre a espádua

A cintura
a escorregar nos dedos

A sede do corpo
a escapar à água

Refaço Resguardo
Regateio

Do regaço a pele
tão macia

O outro lado das coxas
e o meio

Das pernas abertas
a fresta
mais acima

MAIS

Deixa que a maciez
adoce
os ombros

Os torne mais meigos
aos abraços

À febre
mais afoita
que os tornozelos abrem

VERDE-PINHO

Tuas pálpebras
de seda quase lilás

Teus olhos
de verde-pinho
tua boca tão voraz
onde o sorriso fugaz
faz silêncio de mansinho

Teu hálito
mordendo os dedos
quando te entreabro a boca

Procurando conhecê-la
no segredo
que se solta

CHAMAMENTO

Como podes tirar de mim
o chamamento
um minuto que seja
apagares a chama?

Por ti eu tiro tudo
e enrodilho
queimando tudo depois à cabeceira

Devagar convoco a tempestade aberta
e no meu peito
o coração tropeça

E não há nada que eu queira
imaginar
que entre nós depois
não aconteça

OS NOSSOS DIAS

Convoco-te
Contorno-te
Comovo-me

Com o teu corpo
delgado
na memória

As tuas ancas estreitas
nesta nossa história

Os teus pulsos morenos
com sabor a vitória

ALMÍSCAR

O odor almiscarado
da tua pele
agridoce

... à minha língua

Demorada
nos gomos da saliva
da tua boca

AS ROSAS

Juntar todas as rosas
do teu corpo
como quem despe a pessoa amada

Como quem quer saber
e não entende
porque se morre de paixão rasgada

Atar todas as rosas
do teu corpo
como quem prende o fogo que se abre

Este crescido fulgor
que vara o tempo
e com lâmina de amor inventa o sabre

DÚVIDA

Quantas nuvens
encontras
no meu peito?

Quantos mares
me crescem
na vagina?

Quantos prados
nas pernas
que a seu jeito

Se desdobram
se curvam
se assassinam?

A MÃO SOBRE O REGAÇO

Beijo, seguro
e devagar tropeço

Trespasso as emoções
e devolvo-te o espaço

O laço e o lençol
onde me deito
e faço

Do tempo do amor
a mão
sobre o regaço

PAIXÃO

Limito-me a sentir-te
simplesmente
a beber o teu cheiro
cheia de sede

A tomar-te nos meus braços
neste incêndio
deixando-me afundar
por tanto querer-te

FOZ

És a minha foz
de lava e lume

Eu sou o rio
de águas separadas

Tu és a seta
de vício e de veneno

Eu sou a voz
onde invento o nada

Tu és o meu lavor
eu sou a bordadeira

És o meu anjo
de asas decepadas

Eu sou a distância
tu és a colmeia

Tu és o silêncio
e eu sou a tua espada

*A brasa do teu corpo
a queimar a palma
acesa
da mão do meu desejo*

DESEJO

Adormeço tropeçando
no desejo
encostada ao teu pescoço

Respirando o teu dormir
vou bebendo devagar
o ácido cheiro do teu corpo

DESORDEM

Olho a desordem
da cama tão desfeita

O suor na camisa
o esperma no lençol
o gemido no ar a desfazer-se ainda

E por vezes de bruços
desavinda
na penumbra do quarto
uma réstia de sol

ENTRANÇAMENTO

Deixa que entrance
os desejos
no quintal dos sentidos

Duas árvores plantadas
cada uma no seu
sítio

Deixa que fale dos
pássaros
a voarem no meu peito

Duas lágrimas
desdobradas
num mar de sal desfeito

Nem preconceito
nem sombra
nem fome de mais sentida

Nem amor se contrafeito
se a contragosto
despida

Deixa que cale
o vestido
que me desce pelo corpo

Enquanto tu vais olhando
desfiando o que é
suposto

Predisposto e desavindo
o travesseiro
na nudez

Que descomposta se expõe
sem aceitar o defeito que a aridez

envenena num manso jeito de leite

Garanto se for paixão
que só desço ao sol
posto

Meu amor pela minha
mão
não usarás o desgosto

Deixa que vare
o vazio
quebrada a espada do vinho

Deitada à tua beira
abrindo as pernas
de linho

CORPO TODO

No íngreme da língua
o sangue e o leite

Quando trato a paixão
com o corpo todo
o prazer de provar o doce
e o lodo

O esperma sobre o dorso
a boca desdobrada
as unhas debruçadas no pescoço

SEDE

Suponho ponho
encaminho o espaço
no céu da tua boca
e teu palato

As palavras formadas
na saliva
quando bebo o vinho
em tua face

Faço o novelo
e desfaço a arte
teço com o grito da água
a tua sede

Seco com o linho do cabelo
e passo
ao lado do nó do teu abraço

CORPO

É pêssego
Tangerina
E é limão

Tem sabor a damasco
e a alperce

Toma o gosto da canela
de manhã
e à noite a framboesa que se despe

De maçã guarda o pecado
e a sedução

Do mel
o açúcar que reveste

Do licor
a febre que no seu rasgão
me invade, me inunda e me apetece

Mergulho depressa a minha boca
e bebo a sede
onde em mim já cresce

Delírio a encher-me
de prazer
tomando ponto num lume que humedece

Devagar mexo sem tino
as minhas mãos

Provando de ti
o que de ti viesse

O anis do esperma
o doce odor do pão
que o teu corpo espalha e enlouquece

CHEIRO

O cheiro
O sabor
da tua boca

A baunilha
a camélia desfolhada

A saliva a saber
a leite morno

Escutando o rumor
das tuas asas

ALIMENTOS

Os trópicos da tua
boca
entre ameixa e desatino

O visco do doce
aberto
a descobrir o destino

Ao sentar-me no teu
colo
a comer devagarinho

TURBAÇÃO

Não podendo suster
tanto apetite
tanta vontade de te morder
a boca

Se estás longe procuro
outra maneira
de te tocar e toda a pressa é pouca

Desço os pulsos e afasto
os meus joelhos

Subo os dedos
e toco a minha folha

Entreabro os lábios
e não querendo é já
uma rosa doce
que a minha mão desfolha

SABOR

O teu travo a madrugada
a erva-doce

O teu cheiro a madeiro
nos cabelos

O teu sabor a noite
a lua cheia

O teu odor a cravo
que se enleia
nas axilas brandas e vagueia

Entranhando-se doido
nos teus pêlos

DELÍRIO

É o meu mel
que eu cheiro na tua boca

É no teu pénis
que eu bebo a sede toda

Nos meus lábios abertos
que me vencem
eu nado devagar sem ter vergonha

É a lagoa – eu digo
de veludo

É o grito – eu sei
na raiva solta

É a proa do prazer
sobre o lençol
onde mais tarde vai rebentar a onda

Secreto é o ruído
dos corpos
no combate

Os elmos já depostos pelo chão
caídas as viseiras e as máscaras
o vestido misturado à armação

São fulvos os cavalos
com as patas cor do pó
tropeçando na paz adormecida

Eu levo a bandeira
do orgasmo
E «para tão grande amor é curta a vida»

*O meu corpo:
guloso
do açúcar da tua boca*

FLOR DA BOCA

És tentação permanente
à minha beira

Beijos rasos
à flor das bocas

Húmidas as duas
e as duas loucas
A do corpo mais
do que a da face inteira

Inteiramente tuas
de maneira
que quando a tua língua
se incendeia

Pega fogo ao desejo
e logo a chama
galgando em si própria
já se ateia

Trepando devastando
e só no topo
é grito e orgasmo
e é madeira

O TEU CHEIRO

Deixo que o teu cheiro
me chegue devagar
por entre os dedos

Como se fosse
caviar na minha língua

PÉTALA

Nada tão succulento
quanto a tua
saliva

A maresia salgada
do teu pénis

O suor aberto
da tua nuca incerta

A pétala

VIAGEM

Secreta lenha
que arde na lareira
do teu fogo posto
na almofada ao lado

Deslizo as minhas pernas
de maneira
que com os meus pés
as tuas coxas abro

Dispor de ti
assim
não é acinte

Nem uso de beber
o teu veneno
Apenas quero guardar
de ti o gosto

Que provo – lambo
e depois desprendo

Debruçando devagar
o que de ti
nesta viagem meu amor
desvendo

REFLEXO

Quando fica o reflexo
na janela

Nada mais que o espelho
desfocado

E eu te vejo estendido nos lençóis
e toco o teu corpo
nu
deitado

Quando a luz
se suspende ao pé dos ombros

Para logo se entornar e desviado
encontro o teu pulso e sem sentido
fico a pensar num rumor passado

À mistura com o cheiro
mais antigo

Do teu esperma doce
No meu joelho alado

CANELA

A canela dos teus ombros
que provo

à mistura com
o açúcar
do teu umbigo?

SEQUESTRO

Ah! a tua
língua

Alongada na sua
trança
de saliva branda

Tão ácida
tão meiga
na minha anca

MAIS FORTE

É ave o teu pénis
no volteio
com que cruzas o céu
das minhas coxas

No voo raso
que traças no orgasmo
penetrando mais fundo
sem que o oiças

É brisa forte nas asas
com que voo
no seu próprio prazer
em ser despido

E nada mais se inventa
que não cresça
naquilo que tu queres
e eu preciso

INCÊNDIO

Tu acendes a chama
do meu corpo
pões a lenha ao fundo
em sítio seco

Procuras no desejo
o ponto certo
e convocas aí
o lume aberto

Se a madeira demora
a ganhar fogo
tomas-me as pernas
e deitas lento o vinho

Riscas os fósforos todos
e depois
é mais um incêndio
que adivinho

SIMULTÂNEO

Tu és homem e és mulher
sobre o meu corpo
és mar e és rio ao mesmo tempo

És tu e eu misturando o vento
velejando a tempestade
sem ter medo

Tu és calma e turbilhão
nos meus sentidos
és arcanjo e demónio que domina

És aquele que fica
e que parte
voando no prazer que não termina

NOVELO

O sol que nasce
sem sossego
na boca desavinda

Eu lambo
o novelo
em tua língua

JOGO

Levanto eu a saia
enquanto espero que abras
devagar a camisa
sobre a nudez do peito

Não quero sentir nada
que não saibas
nem quero que te entregues
contrafeito

É este o meu jeito
e tu não sabes
o jogo que é jogar
o meu vestido

Deitar o fogo
ao chão
e incendiar o grito

OCEANO

Nado o oceano do teu corpo
quando as águas se fecham
e se alargam

E devagar
no suor
te bebo a mágoa

Pois já não sei se nado
ou se te sei
de borco

Se me afasto de ti
ou se nadando invoco dos teus lábios
os beijos que me alagam

CORTINA

Peço-te que feches
a cortina
e à sua sombra eu estremeço nua

Vens-me cobrir o frio
com o teu calor
e à nossa volta já tudo flutua

BEBER-TE

Bebo-te a boca
com o seu manso sabor
a tangerina

Gulosamente
a comer o mel
no favo da abelha

PEDIDO

Deita-te aqui despido
à minha beira

Vem devagar dizer como me amas
põe-me os teus dedos
debaixo dos cabelos
e inventa tudo aquilo que me chamas

Deita-te aqui, o corpo sobre o meu
A boca, a língua, apenas desviadas

Deixas o meu beijo juntar-se
com o teu
e o meu ventre unir-se
à tuailharga

Deita-te aqui despido
nos lençóis
onde conheço já o gozo vindo

E tudo faço quando tu
te vens
cobrindo com o teu corpo o meu gemido

JOGO DE AMOR

Tua íris de esmeralda
teu desejo de rubi
Tuas horas de segredo
meu oco vindo de ti

Desço o lençol em silêncio
e descubro o que nos escapa
da tua boca o enredo
e do meu corpo
a faca

VIAGEM

Desejo-te que mordas
o meu pulso
desejas-me ir tocar o cotovelo

Entreabres-me as pernas
tão de súbito
e devagar afagas-me o cabelo

Debruças-te sobre a boca que tão ávida
se abre no meu corpo
e ao descê-lo

Vais nadando de bruços
e na viagem
preferes morrer de amor do que perdê-lo

CHAMA

Como podes tirar de mim
o pensamento
um minuto que seja
em nossa cama?

Por ti eu tiro o sono
e enrodilho-o
queimando-o depois à cabeceira

Devagar, então, tiro-te a camisa
e tu despes-me a saia
pela cabeça

E não há nada que queiramos
inventar
que entre nós meu amor
não aconteça

LÍNGUA

Fendendo em mim
a tua língua abre

Separa da vulva
os lábios mais sedentos

Degustando a saliva
e lá dentro
tocando-te do corpo
o que do corpo sendo

é da boca já
e eu não entendo

VULCÃO

I

Toca o cimo do vulcão
e torna-o brasa
Queima tudo em torno
à minha roda

Torna mais fogo
o fogo
em minhas veias

No vício
no vacilo
nas ameias
onde a saliva surge e já se rasga

Torna mais lume
o lume no gemido
mais veludo a voz
mais denso o cortinado
que vai coando o sol que despido
se enovela
novelo
à minhailharga

II

Toca-me o peito
e desce até às ancas
acende a lâmpada
dum tornozelo breve

Deixa correr
a lava
que levantas
o sol ainda

à noite que não cede

III

Não tranques a porta
nem feches o postigo
Deixa o prazer ser luz
e só depois o vidro

A vertigem cismada
na entrega

Põe a lava a correr
como perdida
no corpo que enlouqueceu na vida
sem da paixão conhecer a regra

VERTIGEM

Quando sob o meu
está o teu corpo
e eu nado dentro
do desejo e enlaço

os teus ombros as ancas
e o dorso
enquanto o espasmo se faz
num outro abraço

Desprendo a boca
depois
no grito solto

mordo-te os pulsos
ambos
no orgasmo

Volto ao cimo
da água
do meu gosto

Bebo-te a vertigem
e em seguida o hálito

O TEU CORPO

Atentas as mãos
cobrem os lugares
trocam os sítios e perdem os sinais

Desassossegam o coração
e mais:
despertam os silêncios que se entregam

Encontro ou desencontro?
Não interessa

Veneno a contragosto já intacto
Os corpos se revoltos nunca negam
de si o seu prazer o seu palato

Retrato à beira-boca
do teu pénis
se eu canto as virilhas e o olfacto

De ti
o cotovelo alto
o joelho em baixo que sossega

Esquecer-te é impossível
e por isso volto
a visitar-te a nuca que se nega

A vertigem
descendo em tuas costas
as ancas estreitas que escorregam

Depois provo de ti
o vinho solto
salto de baixo para tomar o alto

Aperto-te nos braços
e um mar revolto
perde-se em nós num súbito cansaço

Tu!
incendiando a minha
vida
como um vulcão de lava
aberta

CORPO

Sou voraz não me apego
ao abrigo da alma

Sou o corpo o incêndio
só o fogo
me acalma

ABRIGO

Desabelham os beijos
desabridos
na comissura dos lábios

Na busca do teu desejo
sobre o teu corpo despido

Turvo desejo
procurando um sentido

CARMIM

Não te digo tanto quanto
quero
nem te faço tudo quanto sonho

Não me basto junto a ti
secreta
quando me entrego e a ti me oponho

Não te conto sequer
porque imagino
ser o desejo o carmim da boca

Morro de sede perto dos teus lábios
de ti quero ir bebendo
e ficar louca

FOGO

Promete ficares sempre
junto a mim
desconhecendo o tiro e o disparo

Confessa seres o fogo da paixão
enquanto
sou loucura voo e desamparo

E se ainda assim o delírio
for pouco
acende estrelas no corpo debruçado

Diz-me que o tempo parou
e no desvairo
jura ser pouco não sendo necessário

DESAVINDA

Desordenada comigo
oponho o corpo ao destino
como quem veste o vestido
e o despe em desatino

Desavinda com o sossego
ponho a nudez onde acendo
o grito do meu prazer
que ora prendo ora desvendo

ÁGUA

Abro-te as portas querendo
a tua luz
numa sede de ti que não se acalma

Não me negues a água
que mata a minha sede

Desejo o teu incêndio
queimando a minha alma

CALABOUÇO

Dou laços
com os meus braços
em redor do teu pescoço

Desato aquilo que faço
dou um nó no fundo poço
no modo como te enlaço

De braços desfaço
o espaço
no torpor que solto e ouço

Traço com a boca e trespasso
o coração que doendo
se torna meu calabouço

ENTRELAÇAR

Desentrelaço o amor
deslaçando o imprevisto
e se com ele me visto

de novo com as tuas mãos
torno a tecer
o que dispo

Entranço a luz no abraço
e o baraço no fulgor
desembaraço a nudez

tiro e uso o meu pudor
ponho o sol a iluminar
o corpo seja onde for

SEDA PURA

Oscila a mão na cintura
equilibrando a carícia
na dobra da seda pura
onde o segredo é difícil

A boca prova o prazer
onde o corpo se arrepia
e os dedos já se esgueiram
na roupa que se desvia

VOLÚPIA

Retém em mim o olhar
entorna a boca
no poço

Corre os lábios
nos meus ombros
desce a vertigem no dorso

Troca a penumbra
das pernas
pelo luar do meu gosto

Deixa os dedos
encontrarem
a penumbra do pescoço

SEREI MAR

Serei luz nos teus braços
serei cálice
maciez na curva dos teus lábios

Serei mansidão na mesma hora
em que me torne fogo e não consiga
rasgar minha paixão e ir embora

Serei tua invenção
e corpo intenso
louca sofreguidão no meu desvairo

Serei o teu grito
no delírio
torpe devassidão se necessário

FUNDURA

I

Um tudo nada
mais fundo

um tudo nada

Um tudo nada
mais longe

e mais acima

Um tudo nada
mais torpe

um tudo nada

Um tudo nada
mais vasta e mais perdida

II

Um tudo nada
mais chama

um tudo nada
Um tudo nada
mais só

e mais urdida

Um tudo nada
mais corpo

um tudo nada

Um tudo nada
mais fogo

e mais despida

AS FERAS

São os lincês os tigres
são as feras
indo beber à tua mão

São os gatos selvagens
rente aos lábios
que me vêm dormir no coração

GOSTO

Gosto que me tomes
me abras
me invadas

Me voltes e tornes
me envolvas
e faças

Gosto que me entornes
me abrases
me lavres

Me beijes e bebas
me enlaces
e largues

Gosto que me voltes
me pegues
me mates

Me dês um nó
cego
e depois me desates

LUZ

Deixa-me concertar
a luz que tens desgarrada

Te acerte e desacerte
a paixão desgovernada

DIAMANTE

Nem a vontade que tens
de diamante
nem os olhos velados de manhã

Os lábios nos meus quando
os entreabres
a torpeza dos dedos tirando o soutien

Nem o mel do pénis
na curva da cintura
a língua ganhando o sabor da rosa

Nem a minha luxúria
nem a tua
quando uma à outra atam e se cosem

RITUAL

Vestido cor de damasco
a escorregar-me nas pernas
as ancas nas tuas mãos
desprendendo o que descerram

Seda descida nos ombros
entretecendo na espera
a tepidez dos teus dedos
tomando ou pondo o que querem

Nudez de pêssago incerto
orgasmo que me põe louca
sempre que me despindo
me vestes com a tua boca

CORAÇÃO PARTIDO

Dizer da paixão mais do que o sangue
mais do que o fogo
trazido ao coração

Mais do que o golpe furtivo já ardendo
revolvendo na sede
a ponta de um arpão

Dizer da febre sem fé
do animal feroz
dos líquenes abertos e dos lírios

Dizer desassossego
sem razão
da raiva silvando no delírio

Dizer do prazer o meu gemido
no quanto é ambígua esta prisão
a deixar-me livre no que sinto
e logo envenenada à tua mão

PAIXÃO

Com a paixão faço
e armo
a construir-me no excesso

Apunhalo o coração
enveneno o peito
aberto

A paixão é meu
destino
meu final e meu começo

Morrer de amor
e de amar
é a morte que eu mereço

VAGARES

É minha a sede
e tua a impudícia

Na nudez do papel com vagares
de lençol
inventar-se o poema que no corpo desliza

Deita-se e despe-me
debruça-se e vira-me

VERDE-ÁCIDO

Verde-mar dos teus olhos
verde pálido

Verde-jade do abraço
verde amêndoa

Verde-seco das folhas
do suspiro

Verde-oásis do corpo
do poema

POEMA

Deixo que venha
se aproxime ao de leve
pé ante pé até ao meu ouvido

Enquanto no peito o coração
estremece
e se apressa no sangue enfebreado

Primeiro a floresta e em seguida
o bosque
mais bruma do que neve no tecido

Do poema que cresce e o papel absorve
verso a verso primeiro
em cada desabrigo

Toca então a torpeza e agacha-se
sagaz
um lobo faminto e recolhido

Ele trepa de manso e logo tão voraz
que da luz é a noz
e depois o ruído

Toma ágil o caminho
e em seguida o atalho
corre em alcateia ou fugindo sozinho

Na calada da noite desloca-se e traz
consigo o luar
com vestido de arminho

Sinto-o quando chega no arrepio
da pele na vertigem selada
do pulso recolhido

À medida que escrevo
e o entorno no sonho

o dispo sem pressa e o deito comigo

FAZER O POEMA

Desfio a poesia
no barão
do peito

Na curva da cintura
em fogo-fátuo

Pois na cama
é poema e é papel

Para logo ser
gemido
corpo e queira

Chegar na palavra
e naquilo que rasgo

Verso a verso ao topo
do orgasmo

VERSOS

Incontáveis as armadilhas
as grutas os becos
os desvios do poema

De que a tinta aprisiona
a forma no papel
táctil e ardente

Caligrafia cruel aquela
onde os versos galgam
a volúpia do corpo

E a urdidura da alma

Obsessiva memória
que o tempo despreza
e a mão não acalma

DISPO

Cerco e troco
escrevo e ponho

Levanto a saia e o subido
mostra a bainha do corpo
descubro o nu no vestido

Perpasso as mãos
nas penumbras
desacato o que é restrito

Disponho do proibido
permito dispo
desdigo

Caminho pelo prazer
por onde afirmo e prossigo

RIGOR

Detido pelo rigor oscila o coração sob o vestido
mas os dedos vão subindo
pois mais do que parar se entrega e voa
a boca ardida na chama do despido

Do corpo encontro o traço a névoa a teia
e nem um só motivo para evitar calar-me
de tal maneira que a tentação obrigue
a entregar do braço a mansa veia

Fuso e novelo no fiado antigo
tão desprotegidos e vagos no vacilo
que só então retorno
retomo por onde a mão vagueia

INCÊNDIO

No lugar do coração
onde a paixão
se incendeia

Sítio exacto onde o fogo
liga o mar
à sua veia

Tomando a névoa da água
sobe a chama sob a saia

Do odor toma o motivo
enovela-se e desmaia

PRAZER

Vai cuidadosa a mão tão leve e torpe
entornar o amor no turvo coração
logo ardente aceitando a culpa breve
se o fogo aceso junto ao peito ouve

Doce se avoluma então insatisfeito
quanto mais amado e mais volúvel for
em turbulenta dor ou persistente logro
pois de enamorar-se acabará suspeito

Deixa-me morder tingindo o lábio solto
de carmim febril onde o pudor castiga
apesar de me escusar ao insistente rogo

Mas logo o coração se entrega indecoroso
mal o prazer se despe no olhar
teimando só depois tornar-se venturoso

DESEJO

Tece o suor o vestido
entrega a anca
o seu passo

E na ardência das pernas
no seu odor
se deslça

No bosque do corpo
perde-se
abriga o tigre selvagem

Rumoreja e intumesce
submete-se
e resvala

CELA

Acicato o meu desejo
traço em volta
a vã lisura

Dedos leves na cintura
despido o fato e o fio
tecido pela fissura

Nos lábios resta o sabor
a sal de gosto aberto
na pele cujo suor tem o odor do incerto

Quebro a cela
do meu corpo
ao golpe da tua anca

Derramo o prazer
na boca
onde a sede se desmancha

DESEJO

Avanço a ponta
dos dedos
na mata da tua nuca

Onde o meu beijo
se perde
e na entrega desnuda

VERTIGEM

Deixa que eu te dispa
na pressa do desejo
Primeiro o casaco
e depois a camisa

E dobando a suspeita
do que vou encontrar
te tire o relógio
com mão indecisa

Deixa que eu deslize
descendo as tuas calças
Sem querer ainda olhar
onde o corpo se abisma

Contornando o velo
da mata que arde
E entre as tuas pernas
eu descubro a vertigem

NUDEZ

Quando visto o meu vestido
eu dispo a seda
do corpo

E quando o tiro
da nudez
eu brinco invento suponho

Desembaraço o prazer
mexo com os dedos
no gosto

Fecho os olhos
vou voando
na sede do sol-posto

MÃOS DE ANJO

Passa as tuas mãos
de anjo
na minha nuca assombrada

Entreabre as minhas
pernas
e tira a folha da parra

Encontra o poço do mel
com a abelha
dos teus lábios

Perde na mata
os teus dedos
deixa a língua arrebatada

LOBO

O prazer do corpo
do poema

O júbilo
da mão
ensimesmada

Vistoriando os versos
e ao escrevê-los
buscar sem dó

O lobo
das palavras

ARMADILHADO

Quero a paixão ardente
e árdua. Incendiando o corpo
com o seu sobressalto

A vergasta cruel
que a sedução conduz
até ao meu desejo armadilhado

PROPÓSITO

O desejo revolvido
A chama arrebatada
O prazer entreaberto
O delírio da palavra

Dou voz liberta aos sentidos
Tiro vendas, ponho o grito
Escrevo o corpo, mostro o gosto
Dou a ver o infinito

CORPO DOS VERSOS

O lince da tua boca
deitado no meu poema
bebe o corpo dos meus versos
devora-lhe a alma acesa

Com as pernas puxa e enlaça
a linguagem desvenda

Com as garras desce-lhe as alças
aceita a febre descalça

Crava os dentes na sintaxe
lambe devagar as letras

Sente a rima onde se enreda
possui a escrita sem pena

Procura a nudez da página
tem um orgasmo de seda

FAZER AMOR COM A POESIA

Deito-me com as palavras
beijo a boca dos poemas
quando a razão desvaria

Manipulo a linguagem
tomo a nudez dos meus versos
faço amor com a poesia

*«Puros, sem mácula peccati
o quê, senhora?
sem a mancha do pecado
quem?»*

Hilda Hilst

*«A história do Desejo, onde cada vitória é
uma derrota e cada derrota uma outra vitória.»*

Hélène Cixous

Índice

[CAPA](#)

[Ficha Técnica](#)

[Ao Luís](#)

[DELÍRIO](#)

[DÁDIVA](#)

[HINO](#)

[INVOCACÃO AO AMOR](#)

[ENCONTRO](#)

[VORAGEM](#)

[HÁLITO](#)

[SALIVA](#)

[O ESPAÇO](#)

[AMOR SEM RAZÃO](#)

[LÃ](#)

[INTERVALO](#)

[OS TEUS OLHOS](#)

[AS TUAS MÃOS](#)

[MEMÓRIA](#)

[NOITE](#)

[DESEJO](#)

[A CAMA](#)

[DESEJO](#)

[FELICIDADE](#)

[PENUMBRA](#)

[POEMA SOBRE O ENREDO](#)

[SEGREDO](#)

[CANTO O TEU CORPO](#)

[EXERCÍCIO](#)

[O MEU DESEJO](#)

[ANTECIPAÇÃO](#)

[POEMA AO DESEJO](#)

[GEOGRAFIA](#)

[AS NOSSAS MADRUGADAS](#)

ENTRE NÓS E O TEMPO
ROSA
POST SCRIPTUM
EDUCAÇÃO SENTIMENTAL
LENÇOL
A DOENÇA II
AMBIGUIDADE
O NÓ
A VOZ
A CHAMA
FACE A FACE
DOCEMENTE
SOSSEGO
PODER ESQUECER
PERGUNTAS
DEPOIMENTO
TUA VELOCIDADE
O MAR NOS TEUS OLHOS
PENUMBRA
FACA E FENDA
GOTA DE ÁGUA
CICUTA
NEM SÓ
ESTILHAÇOS
ROSEIRAS
OUTRO CORPO NÃO
O PÊNIS – A HASTE
A VEIA DO (TEU) PÊNIS
ESPERMA
O CORPO – O COPO
IMPREVISTO
O CORPO
A BOCA – OS LÁBIOS
A LÍNGUA
OS CABELOS
A NUCA
O PESCOÇO

[OS OMBROS](#)
[AS AXILAS](#)
[OS BRAÇOS](#)
[OS PULSOS](#)
[AS MÃOS](#)
[OS DEDOS](#)
[OS SEIOS](#)
[A CINTURA](#)
[AS NÁDEGAS](#)
[AS ANCAS](#)
[O VENTRE](#)
[O UMBIGO](#)
[O PÚBIS](#)
[O CLITÓRIS](#)
[A BOCA DO CORPO](#)
[A VAGINA](#)
[AS VIRILHAS](#)
[OS JOELHOS](#)
[AS PERNAS](#)
[OS PÉS](#)
[RITUAL DO AMOR](#)
[MASTURBAÇÃO I](#)
[MASTURBAÇÃO II](#)
[MODO DE AMAR I](#)
[MODO DE AMAR II](#)
[MODO DE AMAR III](#)
[MODO DE AMAR IV](#)
[MODO DE AMAR V](#)
[MODO DE AMAR VI](#)
[MODO DE AMAR VII](#)
[MODO DE AMAR VIII](#)
[MODO DE AMAR IX](#)
[MODO DE AMAR X](#)
[MODO DE AMAR XI](#)
[MODO DE AMAR XII](#)
[MODO DE AMAR XIII](#)
[MODO DE AMAR XIV](#)

MODO DE AMAR XV

GOZO I

GOZO II

GOZO III

GOZO V

GOZO VI

GOZO VII

GOZO VIII

GOZO X

GOZO XI

GOZO XII

OS DOIS CORPOS

ANJOS DO PRAZER

ANJOS DO AMOR

ANJOS DO CORPO

ANJOS DA MEMÓRIA

ANJOS MULHERES

PONTO DE PÉROLA

A CORPO INTEIRO

AMÊNDOA AMARGA

DE AMOR

MORRER DE AMOR

O VOO

DO EXCESSO

O CORPO, OS CORPOS

OS TEUS PULSOS

INVENÇÃO

VÍCIO

JOELHO

CANTO

MAIS

VERDE-PINHO

CHAMAMENTO

OS NOSSOS DIAS

ALMÍSCAR

AS ROSAS

DÚVIDA

A MÃO SOBRE O REGAÇO
PAIXÃO
FOZ
DESEJO
DESORDEM
ENTRANÇAMENTO
CORPO TODO
SEDE
CORPO
CHEIRO
ALIMENTOS
TURBAÇÃO
SABOR
DELÍRIO
FLOR DA BOCA
O TEU CHEIRO
PÉTALA
VIAGEM
REFLEXO
CANELA
SEQUESTRO
MAIS FORTE
INCÊNDIO
SIMULTÂNEO
NOVELO
JOGO
OCEANO
CORTINA
BEBER-TE
PEDIDO
JOGO DE AMOR
VIAGEM
CHAMA
LÍNGUA
VULCÃO
VERTIGEM
O TEU CORPO

CORPO
ABRIGO
CARMIM
FOGO
DESAVINDA
ÁGUA
CALABOUÇO
ENTRELAÇAR
SEDA PURA
VOLÚPIA
SEREI MAR
FUNDURA
AS FERAS
GOSTO
LUZ
DIAMANTE
RITUAL
CORAÇÃO PARTIDO
PAIXÃO
VAGARES
VERDE-ÁCIDO
POEMA
FAZER O POEMA
VERSOS
DISPO
RIGOR
INCÊNDIO
PRAZER
DESEJO
CELA
DESEJO
VERTIGEM
NUDEZ
MÃOS DE ANJO
LOBO
ARMADILHADO
PROPÓSITO

CORPO DOS VERSOS